

Os dois dias de Congresso foram de partilha, reflexão e questionamento.

Começámos com um conceito: comunidade. O que entendemos por comunidade?

Poderemos falar de comunidades? Comunidade será aquilo que proporciona um sentimento de pertença. De que forma estão ou não as organizações culturais a trabalhar para que as pessoas sintam que pertencem à vida da instituição cultural e que esta tem de facto um impacto na vida das pessoas? Será que os museus, por exemplo, fazem um trabalho de curadoria ou pretendem ter “comunidades curadas”?

Na mesma linha de pensamento, falou-se em formas de participação das comunidades nas instituições. Convidar as pessoas a pensar naquilo que querem ver ou escutar na instituição cultural da sua zona. No entanto, estas mudanças nunca irão acontecer se dentro da própria organização não houver uma mudança, uma mudança interior, de postura e mentalidade. Afinal, porque é que fazemos o que fazemos? O que move as instituições a fazerem o que fazem?

A maioria das organizações culturais não tem uma missão definida, não tem uma partilha pública do seu trabalho, da sua missão, dos seus valores. São organizações que não se relacionam nem prestam contas. Citando Marta Porto, “É nas praças que temos de estar. É na luz que temos de caminhar.” Urge este caminhar. Urge este estar: nas praças, com as pessoas, a dialogar, a questionar, a pensar em formas de melhorar a vida comum. Não é isso a base da democracia? Não é através do diálogo e da convivência do contraditório que se constroem sociedades mais justas, igualitárias e participadas?

Sabemos que o nosso trabalho não apresenta resultados no imediato ou, quando se aplica, no tempo dos financiamentos. O trabalho artístico e cultural precisa que daquilo que a nossa sociedade capitalista e competitiva não dá: tempo.

Foram destacadas algumas premissas para a realização de projetos artísticos participativos: devem ser pensados, desenhados, desejados por todos os

intervenientes. No fundo, naquilo que podemos designar como cocriação. No entanto sofremos duma compartimentação estrutural e setorial da sociedade: como poderemos ultrapassá-la? As estruturas artísticas enfrentam desafios por vezes surreais: deparam-se com obstáculos causados pela linguagem – ou é do setor social, ou é do setor artístico. Mas como podem viver todos estes “setores” da vida e da sociedade senão em consonância?

Tempo. Precisamos valorizar as micromudanças no quotidiano. Cultura. A cultura é um espaço de poder. Talvez esta frase seja consensual para todos nós. No entanto, a palavra cultura abarca muita coisa, muita coisa complexa. E não ter medo da complexidade é necessário. Cultura não é só arte e arte não é só o resultado de, o produto, a apresentação. A arte é a nossa vivência de todos dias. Não se pode separar a vida da arte, esta é algo ordinário que pode estar na vida de todas as pessoas. Importa assim, uma arte que convoque os cruzamentos disciplinares.

Devemos repensar a arte participativa comunitária. Se comunidade é sentido de pertença e relação, pensemos em práticas artísticas experimentais, pensemos numa obra em aberto; precisamos dar lugar à técnica artística e à espontaneidade. Importa criar situações que dêem visibilidade às histórias das pessoas. Importa instigar a curiosidade e o pensamento crítico trabalhado artisticamente. Tem de haver espaço para a experimentação artística nos ditos espaços legitimados.

Tempo. Vivemos tempos em que a escuta, o diálogo e o reconhecimento do outro estão cada vez mais afetados. Em que há partes que se querem sobrepor a outras. Como poderemos trabalhar este espaço-entre? Como poderemos fazer da cultura e da arte uma casa comum?